

## Imagens do Juízo Final no Conto “Vozes Ceifadas” de Júlio de Queiroz

Por Diógenes Braga Ramos\*

### Resumo:

Este artigo busca observar elementos de cunho teológico através da literatura, levando-se em consideração que a mesma dialoga constantemente com o cotidiano cultural das pessoas. E, neste cotidiano, nos deparamos com a questão do juízo final que, ao longo da história, tem sido um marco na sociedade ocidental por conta da sua influência judaico-cristã. Assim, nos debruçaremos sobre o escritor Júlio de Queiroz e seu conto “Vozes Ceifadas” para olhar este elemento, que tanto assombra o imaginário popular.

### Palavras-chave:

Juízo Final - Vozes Ceifadas - Herodes - Condenação

Este texto visa observar, através do conto “Vozes Ceifadas” de Júlio de Queiroz, as imagens do juízo final, elemento que faz parte da cultura judaico-cristã do ocidente e que atormenta, de diversas formas, o imaginário do ser humano em geral, fazendo-nos constantemente questionar a condenação do homem.

Para nos aproximarmos do conto, é necessário destacar que Júlio de Queiroz tem dedicado sua vida às palavras fazendo com que nossas racionalidades cartesianas se transcendam, apontando-nos uma variada forma de diálogo com a vida através da manifestação do Sagrado. Júlio, de formação religiosa cristã, utiliza a literatura para manifestar os desafios constantes da vida que, como dissemos, permeia hora a plenitude hora a morte. Esse escritor faz parte da Academia Catarinense de Letras e da Academia Sul-Brasileira de Letras.

---

\* Bacharel em Teologia. Mestre em Teologia pelo IEPG/EST, São Leopoldo-RS. Atualmente cursando doutorado na UFSC, Florianópolis-SC, na área de Literatura, com linha de pesquisa em Teopoética.

Diante da sua vasta produção literária, optei em analisar o conto citado (“Vozes Ceifadas”), pois o mesmo interage com os relatos bíblicos, dando vida e voz a um personagem que geralmente fica à margem tanto do próprio relato bíblico quanto da literatura e das expressões culturais; Herodes que, no conto, expressa, de forma ficcional, suas dores e anseios diante do seu juízo final e morte. É importante ressaltar que esse conto se encontra no último livro de Queiroz, *Perfume de Eternidade*.

O conto “Vozes Ceifadas” dialoga com o texto bíblico do Evangelho de Mateus, especificamente 2.16<sup>1</sup>, dando voz a Herodes:

Sabia estar morrendo. Isto não lhe era grande preocupação, desde que não doesse. Mas doía terrivelmente... Morrer não o entristecia. Tinha vivido muito. Assimilara, com adaptações aos interesses de sua carreira política... Estava na Galiléia para onde viera banido por César. Não lhe deixaram desmontar a trama tecida por seu sobrinho, Herodes Agripa.<sup>2</sup>

Como vemos, o narrador dá voz a Herodes que, no conto, vai descrevendo suas dores, por conta do câncer que foi desenvolvido ao longo dos anos em que lutou pelo poder frente ao Império Romano e, conseqüentemente, junto aos judeus, tendo agora que se defrontar com o julgamento em vida.

Conforme Rubem Alves<sup>3</sup>, “quando chega a hora da morte, chega a hora de se contar histórias” e, neste contexto, a ficção toma contornos de realidade. A partir destas histórias, o julgamento de Herodes vai tomando forma através de elementos escatológicos e apocalípticos, “como um relâmpago inesperado numa tarde de calor asfixiante, um espectro tomou forma. Sentou-se sobre um dos coxins. Com a mão diáfama e descarnada chamou-o”<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> “Então Herodes, vendo-se iludido pelos magos, foi acometido de grande fúria e mandou matar, em Belém e todo o seu território, todos os meninos de até dois anos, segundo o tempo de que ele se havia certificado com os magos”.

<sup>2</sup> QUEIROZ, Júlio de. *Perfume de Eternidade*. Florianópolis: Insular, 2006. p. 33.

<sup>3</sup> ALVES, Rubem. *Tempus Fugit*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 92.

<sup>4</sup> ALVES, 1983, p. 34.

Então, diante das vozes ceifadas que tanto podem trazer a vida através da colheita do grão, como podem também, em sentido figurado, destruir e tirar a vida<sup>5</sup>, Herodes vai ser julgado em vida pelas atrocidades que cometeu em detrimento do poder e do *status*<sup>6</sup>. Segundo Queiroz,

– Tu o fizeste, tu nos cortaste a vida muito antes de ela desabrochar. Tudo o que seríamos, todo o bem que poderíamos ter feito, todos os gestos de amor, e de amor à justiça, tu os arrancaste antes mesmo que os tivéssemos feito brotar.<sup>7</sup>

Esse julgamento ou juízo de Herodes acontece pelas dores do tumor, “que lhe atormentava o ventre”<sup>8</sup>. Conforme May, “o inferno particular de cada um de nós está ali, pedindo para ser confrontado, e nos achamos impotentes para fazer progressos, sem ajuda, contra esses obstáculos”<sup>9</sup>.

A partir dessa intertextualidade entre a Bíblia e a literatura, segundo Kristeva, Queiroz vai apresentando o juízo final com tons coloridos de um evento epifânico e cinematográfico no qual, em meio aos relâmpagos e aos tufões, Herodes se defronta com seu subconsciente que o acusa através de suas dores, “ao relâmpago do convite seguiu-se o trovão do abismo ao qual se viu atirado”<sup>10</sup>.

Pensando em juízo final, é importante contextualizar essa expressão para que possamos observar nossa hipótese de que Queiroz dá voz a Herodes para que o mesmo avalie suas agruras e vá, assim, sucumbindo por conta do seu julgamento em vida, através dos seus sofrimentos de dor com relação ao tumor.

---

<sup>5</sup> É importante verificar os textos que salientam esta dualidade de ceifar como vida e como morte, Mt 13.30-31; 40-41, 49.

<sup>6</sup> “Num esforço enorme, sua memória tirou a lembrança lancinante do imenso baú transbordante com as mortes que lhe tinham dado e garantido o trono e o mando. Antes do urro do terror final, ela o aguilhoou: - As criancinhas de Belém!” (QUEIROZ, 2006, p. 36).

<sup>7</sup> QUEIROZ, 2006, p. 35.

<sup>8</sup> QUEIROZ, 2006, p. 33.

<sup>9</sup> MAY, Rollo. *A Procura do mito*. Trad. Anna Maria Dalle Luche. São Paulo: Manole, 1992. p. 131.

<sup>10</sup> QUEIROZ, 2006, p. 34.

Quando falamos em juízo final ou julgamento final, precisamos nos apropriar do termo teológico denominado escatologia. Segundo Roldàn,

a expressão 'escatologia' vem de dois vocábulos gregos: éscantos (= 'último', 'fim') e logía (logos = palavra, discurso, tratado). Portanto, 'escatologia' significa o discurso teológico que trata das coisas últimas ou finais da história do ser humano e do mundo.<sup>11</sup>

A escatologia sempre permeou a literatura latino-americana através de sua linguagem apocalíptica. Segundo Russell,

A palavra 'apocalíptica' deriva do substantivo grego apocalypsis, que significa 'revelação'. Seu uso, no entanto, como referência a esse gênero literário, se deve, com toda probabilidade, não ao caráter revelatório dos livros em questão, mas antes ao fato de que eles têm muito em comum com o Apocalipse do Novo Testamento, com sua linguagem esotérica, seu estranho simbolismo e seus pronunciamentos relativos à consumação de todas as coisas em cumprimento das promessas de Deus.<sup>12</sup>

Assim, verificamos sinais escatológicos e apocalípticos no mexicano Otavio Paz, no peruano Mario Vargas Llosa, no brasileiro Euclides da Cunha e nos argentinos Ernesto Sabato e Jorge Luis Borges, dentre outros escritores latino-americanos.

Na perspectiva bíblico-teológica, julgamento, segundo o Dicionário Internacional de Teologia, tem o seguinte entendimento:

Para Paulo e a igreja primitiva, Jesus é o juiz de todo o mundo, como também Deus, o Pai, é...O juiz é o Salvador. O juízo já pesa sobre os descrentes porque recusam o Salvador, enquanto os crentes escapam à condenação (Jo 3:16 e segs.; 11:25-26). Tem confiança ao aguardarem o dia do juízo, e esta confiança se traduz em resultados éticos aqui e agora. A tensão escatológica nas declarações acerca do juízo não se desfaz, nem mediante a ênfase no Apocalipse quanto a ser ele futuro, embora os elementos apocalípticos figurem de modo diferente. Somente o evangelho revela plenamente a ira de Deus (Rm caps. 1-3),

---

<sup>11</sup> ROLDÀN, Alberto Fernando. *Do terror à esperança: paradigmas para uma escatologia integral*. Londrina: Descoberta, 2001. p. 50.

<sup>12</sup> RUSSEL, 1978 apud ROLDÀN, 2001, p. 59.

na medida em que é pregada a “a palavra da cruz”. Cristo “está destinado tanto a para a ruína como para levantamento de muitos” (Lc 2:34).<sup>13</sup>

Diante dessa conceituação e contextualização de escatologia e de apocalíptica, voltamos nossos olhos para o evento do juízo final, apontando para o texto de Queiroz, já que o mesmo é carregado de elementos míticos e simbólicos. Assim, é importante verificar o texto bíblico de Apocalipse 14.14-16<sup>14</sup>. Nota-se no conto que, para dar colorido e forma ao julgamento, o autor utiliza elementos bíblico-teológicos que fazem alusão ao inferno tanto de forma direta como indireta. “O inferno é feito de mentiras. Vocês vieram do inferno”<sup>15</sup>.

Ao que parece, o hades dá vida ao castigo do juízo final de forma fantasmagórica e alegórica, com um simbolismo semelhante ao texto bíblico de Apocalipse. De alguma forma, Queiroz, como citamos acima, recorre ao hades em seu conto para narrar como Herodes se relaciona com o punitivo, com o demônico. Dessa forma, é importante para tal entendimento conceituar a expressão hades teologicamente:

A etimologia da palavra hades é incerta. Ou se deriva de idein (“ver”), com o prefixo do negativo, a-, e, assim, significaria o “invisível”; ou se vincula com aianes, e teria o significado, originalmente, “lúgubre”, “horripilante”. Hades ocorre em Homero (na forma de Aides) como nome próprio do deus do outro mundo (II, 15, 188), enquanto, no restante da literatura gr., representa o outro mundo como habitação dos mortos que ali existem como sombras (cf. Hesíodo, Theog., 455; Homero, Od., 4, 834). Depois de Homero, pode significar o “sepulcro”, “morte”. Foi apenas paulatinamente que os gregos também ligaram a este conceito as idéias de – galardão e – castigo. Os bons e os justos recebiam recompensas no hades, no mesmo lugar onde os maus e os ímpios recebiam recompensas no

---

<sup>13</sup> COLIN; LOTRHAR, 2000, p. 1105.

<sup>14</sup> “E eu vi: Era uma nuvem branca e sobre a nuvem, sentava-se alguém semelhante a um como filho de homem. Ele tinha uma coroa de ouro na cabeça e uma foice afiada na mão. Nisso, outro anjo saiu do templo, e gritou com voz forte ao que estava sentado sobre a nuvem: Lança a tua foice e ceifa. Chegou a hora de ceifar, pois a seara da terra está madura. Então, o que estava sentado sobre a nuvem lançou sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada”.

<sup>15</sup> QUEIROZ, 2006, p. 35.

hades, no mesmo lugar onde os maus e os ímpios recebiam uma variedade de castigos. No Gr. Cl. Também é soletrado Aides (Iônico), Aidas (Dórioco).<sup>16</sup>

Vemos Herodes sofrer por conta de suas atrocidades narradas nos Evangelhos, em especial no texto de Mateus, que descreve a busca incansável por Jesus (Mt 2:1-3) para lhe ceifar a vida e, em decorrência de sua tentativa frustrada, manda matar todos os meninos de Belém (Mt 2:16). Neste estágio da narrativa do conto, Queiroz dá voz a estas vidas ceifadas que buscam a justiça, “-Nunca vi nenhum de vocês! Como poderia ter matado? Há um engano terrível! O inferno é feito de mentiras. Vocês vieram do inferno para me mentir”<sup>17</sup>.

“Com um tal inferno no peito, como é possível viver?”, interroga Ivan, em *Os irmãos Karamazovi*<sup>18</sup>. Herodes sofria por conta de seu inferno que se instalava através da doença, “forças malditas dos infernos, por que se juntarem às dores do meu corpo?”<sup>19</sup>, assim, Herodes vai percebendo que não podia exercer o papel que sempre buscou, o de Deus (At 12.20-23), se condenando em vida.

Como notamos, o conto de Queiroz recorre à escatologia e à apocalíptica seguindo a marca de outros escritores latino-americanos. Ou seja, o religioso permeia nossa cultura. Conforme Paul Tillich, “a linguagem é a criação cultural básica. Por outro lado, não há criação cultural sem que se expresse nela uma preocupação última”<sup>20</sup>. Assim, o bem e o mal sempre terão espaço na cultura do ocidente que julga e leva o indivíduo constantemente ao juízo final, tanto por influência no âmbito religioso como no psicológico e no moral.

---

<sup>16</sup> BROWN, Colin; CONEN, Lothar (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1022.

<sup>17</sup> QUEIROZ, 2006, p. 35.

<sup>18</sup> GUARDINI, 1954 apud TORRES, Queiruga Andrés. *O que queremos dizer quando dizemos “inferno”?* São Paulo: Paulus, 1996. p. 52.

<sup>19</sup> QUEIROZ, 2006, p. 35.

<sup>20</sup> TILLICH, Paul. *Teologia de la cultura y otros ensayos*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1974. p. 46.

Com isso, o ser humano, de alguma forma, tenta expressar sua insatisfação diante do mal e dos desígnios que o mesmo traz, e isso pode ser notado tanto na literatura como nos cânones das escrituras Sagradas.

As metáforas usadas pela literatura do Antigo Testamento e, por extensão, do Novo Testamento, para expressar a brutalidade do mal, são rigorosamente a imagem do feio, do horrível, daquilo que incute no ser humano o sentimento profundo de medo e da angústia. Este é um dos lados da medalha, porque o mal sabe apresentar-se com elegância e consegue, neste seu jogo de duplicidade, atrair e afastar, como mostra a bela mulher do capítulo 17 do Apocalipse. Muito além, ou aquém das metáforas, o mal está presente na história da humanidade e faz seu percurso junto com o ser humano, mostrando surpreendentemente novas e perigosas faces, às quais cabe opor-se, caso quisermos conquistar o espaço paradisíaco proposto por Deus e sempre sonhado pelo homem.<sup>21</sup>

Por fim, vemos nesse conto um importante elemento de interação entre a teologia e a literatura, pois, através da literatura, é possível dar voz a um personagem marginalizado no universo cristão mostrando que o sofrimento e a dor fazem parte da vida cotidiana de todos os seres humanos, sem falar da busca incessante pelo poder que também permeia o imaginário ocidental. Além disso, vemos também a possibilidade de desmistificar os símbolos “céu” e “inferno”, que são muito mal interpretados e usados no universo religioso e, conseqüentemente, cultural de nossas sociedades, principalmente como elemento punitivo, trazendo seqüelas profundas em nível psicológico, social e cultural. Resta-nos, então, olhar para as palavras de Borges e pensar nos juízos finais que se levantam no nosso dia-a-dia.

No cristal de um sonho eu vislumbrei  
o Céu e o Inferno todo prometidos:  
ao retumbar o Juízo nas trombetas  
últimas e o planeta milenário  
for esquecido e bruscas já cessarem  
Ó Tempo! Tuas efêmeras pirâmides,  
teu colorido e linhas do passado  
definirão na treva um rosto imóvel,

---

<sup>21</sup> PINZETTA, Inácio. O mal e suas determinações na História. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, n. 74, 2002. p. 37-41.

adormecido, fiel, inalterável  
(o da amada talvez, quiçá o teu)  
e a contemplação desse incorruptível  
rosto contíguo, intacto incessante  
há de se, para os réprobos, Inferno,  
porém para os eleitos, Paraíso.<sup>22</sup>

## Referências

- ALVES, Rubem. *Tempus Fugit*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- BORGES, Jorge Luis. “Do Inferno e do Céu”, poema escrito em 1942. *Obras completas*. São Paulo: Editora Globo, v. 2, 1999.
- BROWN, Colin; CONEN, Lothar (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- BÍBLIA SAGRADA. TEB. São Paulo: Loyola e Paulinas, 1995.
- QUEIROZ, Júlio de. *Perfume de Eternidade*. Florianópolis: Insular, 2006.
- KRISTEVA, Júlia. *Introdução à semianálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MAY, Rollo. *A Procura do mito*. Trad. Anna Maria Dalle Luche. São Paulo: Manole, 1992.
- PINZETTA, Inácio. O mal e suas determinações na História. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, n. 74, 2002.
- ROLDÀN, Alberto Fernando. *Do terror à esperança: paradigmas para uma escatologia integral*. Londrina: Descoberta, 2001.
- TILLICH, Paul. *Teologia de la cultura y otros ensayos*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1974.
- TORRES, Queiruga Andrés. *O que queremos dizer quando dizemos “inferno”?* São Paulo: Paulus, 1996.

---

<sup>22</sup> BORGES, Jorge Luis. “Do Inferno e do Céu”, poema escrito em 1942. *Obras completas*. São Paulo: Editora Globo, v. 2, 1999. p. 267.